

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-02-19

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Oliveira, A. (2018). Tributo à professora Lígia Amâncio. In João Manuel de Oliveira, Conceição Nogueira (Ed.), *Lígia Amâncio: o género como ação sobre o mundo*. (pp. 154-167). Lisboa: CIS-IUL.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Oliveira, A. (2018). Tributo à professora Lígia Amâncio. In João Manuel de Oliveira, Conceição Nogueira (Ed.), *Lígia Amâncio: o género como ação sobre o mundo*. (pp. 154-167). Lisboa: CIS-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Abílio Oliveira

**Tributo à
professora
Lígia Amâncio**

10 TRIBUTO À PROFESSORA LÍGIA AMÂNCIO

Abílio Oliveira

Por vezes, nos textos de homenagem, louvor ou agradecimento, encontramos algum exagero nos termos, expressões ou apreciações, demasiado elogiosas ou complacentes em relação a alguém. Neste caso, não é assim. O texto que aqui vos deixo é obviamente dirigido, em especial, à Professora Lígia Amâncio – como faço questão de a referir. Cada palavra foi ponderada. E é sincera, justa e sentida, bem cá dentro.

Começo por contextualizar o modo como nos encontramos. Tive o primeiro contacto com a Professora Lígia Amâncio em 1993, quando frequentei o primeiro curso de Mestrado em Psicologia Social e Organizacional, realizado em Portugal, no ISCTE (bem antes de ser imaginada a designação actual), pela então Secção Autónoma de Psicologia Social e Organizacional. Esse curso teve um elevado grau de exigência, com uma parte lectiva bem mais longa do que é agora habitual, prolongando-se por dois anos (1992-1994), estando o último semestre reservado para o desenvolvimento da dissertação de mestrado. Integravam o seu corpo docente os grandes precursores da Psicologia Social em Portugal, nomeadamente os Professores Jorge Vala, Maria Benedicta Monteiro (como coordenadora do curso) e Jorge Correia Jesuino, em conjunto com o Professor Cláudio Teixeira e, precisamente, a Professora Lígia Amâncio, havendo ainda alguns colaboradores nacionais e estrangeiros, reconhecidos

internacionalmente (como, p.e., Jean Claude Deschamps ou Willem Doise). Este foi assim um curso pioneiro, na vanguarda de um forte movimento científico, na área da Psicologia, em Portugal.

A Professora Lígia coordenava e lecionava nesse curso de PSO a (assim chamada) área temática de *Grupos de Pertença e Relações Intergrupais*. Lembro-me bem que tinha uma grande expectativa em conhecê-la, e desde o dia em que ela se apresentou e nos deu a primeira aula, fiquei convencido. A sua simplicidade, a experiência que fluía na sua apresentação, o rigor nas palavras e o modo firme, mas sempre afável como comunicava, cativou-me rapidamente.

A partir desse momento, fiquei convicto que era essa a pessoa que eu gostava de ter como orientadora.

Ela ainda não sabia disso. Mas foi mesmo assim que eu pensei. A verdade é que só se apercebeu da minha intenção quase um ano depois...

Um dia, no final de uma aula, perguntei-lhe se poderíamos falar um pouco. Simpaticamente, e com a calma e disponibilidade que sempre demonstrou para com os alunos, combinou comigo uma reunião. Chegado o dia, lá fui eu, nervoso, ter com ela à ala Norte do ISCTE – numa altura em que somente existia o edifício I, o original – onde era o seu gabinete. Com a sua generosidade habitual, e ainda que algo surpreendida, recebeu-me com naturalidade. Disse-lhe que ela era uma pessoa que eu admirava, inspirando-me e transmitindo segurança, e

perguntei-lhe se estaria disponível para me orientar no projecto de dissertação que estava ansioso por iniciar. Ela olhou para mim com aquele seu ar característico, simultaneamente sério e benevolente, de quem sabe escutar com atenção a pessoa que a ela se dirige, e disse-me que sim, que estava disponível para falarmos e encontrarmos um ponto de interesse comum. Senti uma enorme satisfação, e alívio, quando me respondeu de forma positiva. Perguntou-me em seguida se eu já pensara em algum tema ou área de investigação. E eu disse-lhe que sim, já tinha pensado bastante nas áreas que mais me interessavam, e sobre as quais achava que havia muito por fazer, e disse-lhe que queria investigar sobre a morte.

“A morte, Abílio?
Mas eu não percebo
nada sobre a morte!”

Creio que muitas pessoas, mesmo experientes, se sentiriam tentadas a demover-me ou encaminhar-me para outras paragens, principalmente devido à ‘estranheza’ do tema, um assunto que estava distante do que se fizera até então por cá, e por não ser uma área de investigação da docente/investigadora que me estava a receber. Mas não. Nesse momento ela voltou a revelar o seu espírito científico, ponderação e curiosidade: “Porquê a morte?”

Disse-lhe então que o que me movia realmente era a vida, o modo como vivemos, e o quanto o esconder da morte nos leva, por um lado, a receá-la ou ignorá-la e, por outro, a não dar o devido valor aquilo que somos e aquilo que vivemos, logo, a não valorizar suficientemente a vida. A sua expressão mudou. Claramente, o assunto interessou-a e deixou-a a pensar.

Bem, é provável que lhe tenha também passado pela mente algo como “no que vou eu meter-me”, mas isso eu já não sei ;-)
Porém, estou certo que algo nessa possibilidade de trabalho lhe despertou interesse. Levantou-se, olhou para a sua estante repleta de livros e revistas científicas, e pegou numa obra intitulada “Sobre a História da Morte no Ocidente Desde a Idade Média”, de Philippe Ariès, com edição Teorema (1989). Disse-me: “Abílio, se quer estudar sobre a morte, este livro parece-me ser essencial, aborda as suas representações desde a Idade Média à actualidade”.

Foi assim.

A prontidão com que reagiu ao meu desafio foi impressionante.

É claro que aquele livro de Ariès, foi o primeiro que eu adquirei, seguido de um outro do mesmo autor. A odisseia começara. A Professora deu-me ainda várias sugestões, inclusivamente de pessoas com quem poderia falar sobre o assunto, e ficou assente que poderia desenvolver um trabalho centrado nas representações sociais da morte, trazendo a temática para o seio da Psicologia Social. Para quem dizia não estar ‘por dentro’ do tema... Eu sempre achei que era algo que também a fascinava, perceber as percepções que temos sobre a morte, e como estas se relacionam, influem ou condicionam o modo como representamos a vida e o viver.

Estava dada a ‘partida’ e logo acertámos uma data para eu lhe apresentar um projecto consistente. Eu pouco sabia de investigação científica a sério, mas sempre adorei enfrentar desafios difíceis. Os meses seguintes foram de intenso labor.

Tivemos várias reuniões, discussões construtivas e conversas animadas. “Abílio, escreve bem, mas não pode ser tão opinativo, a escrita científica é mais objectiva, percebe-se onde quer chegar, mas tem que encontrar uma forma adequada de escrever o que pretende, e sustentar as suas afirmações à luz de um bom enquadramento teórico-conceptual, de acordo com a revisão de literatura”. Esta foi uma das muitas recomendações que retive. E eu fui aprendendo. Realizar um extenso estudo exploratório e um estudo experimental – com estudantes de medicina, enfermagem e biologia –, numa tese de mestrado, era obra, mas foi isso mesmo que, sob a sua sapiente e cuidada orientação, levei por diante. Sempre me transmitiu muita confiança e soube lidar comigo, o que nem sempre é fácil. E em 1995, após a sua última revisão, apresentei a dissertação com o título *Percepção da Morte: A Realidade Interdita*, com a arguência do Professor Daniel Sampaio (que teve igualmente um papel importante na minha formação como investigador, como pessoa e no doutoramento que se seguiu).

A investigação empírica desenvolvida no decorrer do mestrado, deu origem a alguns trabalhos científicos – e foi com as suas preciosas indicações e sugestões que eu percebi realmente como desenvolver um artigo científico –, e foi também um ponto de reflexão essencial para escrever um livro de divulgação, mais abrangente e dirigido a um grande público, intitulado ‘*O Desafio da Morte - Convite a uma viagem interior*’, editado em 1999.

Mais uma vez tive o privilégio de voltar a contar com a colaboração da Professora Lígia, que aceitou fazer a Apresentação deste livro.

A certo trecho, escreveu: “não existem representações individuais, idiossincráticas, aleatórias e desenraizadas das pertenças dos indivíduos, quando estamos perante um objecto social. As inserções dos indivíduos em diferentes cursos universitários e grupos de sexo, assim como o próprio contexto em que a morte acontece, introduzem regularidades nas formas de pensar e sentir a morte que não podem ser atribuídas à subjectividade individual.” Aqui, de uma forma muito sucinta e lúcida, ela foca bem não só a pertinência do tema, mas, também, a importância do mesmo ser abordado no âmbito das representações sociais, que permitem estudar e compreender o modo como as pessoas – que integram, participam e interagem nos mais diversos contextos grupais, em sociedade – pensam, sentem e se comportam face a um dado objecto, situação, circunstância ou tema. E verificar a impossibilidade de estudar as representações da morte, sem considerar e estudar a vida e o viver, a nível pessoal, ou num dado grupo de pertença, em família, em sociedade.

Após a conclusão do mestrado, foi emergindo a vontade de prosseguir para doutoramento. Algo que a Professora desde cedo me sugeriu. (Cabe aqui um aparte para referir que ao longo de todo este percurso continuei a ser docente no ISCTE-IUL, onde leciono desde 1991 – tendo estado, entre os anos 2001 e 2003, com equiparação a bolseiro). Entretanto, a convite do Professor Daniel Sampaio, comecei a colaborar, a vários níveis, e em diferentes actividades, com o Núcleo de Estudos de Suicídio (NES) – que tem como grandes objectivos contribuir para a prevenção do suicídio juvenil, acompanhar jovens em risco ou com grandes dificuldades no seu percurso, e fazer investigação sobre os comportamentos autolesivos, em particular, na adolescência. Estava lançada a ponte para unir várias das temáticas que mais me apaixonavam: a morte, o suicídio, a vida, os comportamentos de risco e de autoagressão, ... a música. A Professora Lígia Amâncio foi seguindo com atenção este trajecto, e foi com naturalidade que lhe pedi para ser minha orientadora em mais

uma aventura científica, desta vez a nível de doutoramento. O tema, ou melhor, os temas, estavam bem delineados.

Claramente eu pretendia estudar as representações sociais da morte, do suicídio, da vida e da música, e relacionar estas com os sentimentos típicos entre os adolescentes, as suas preferências musicais, a ideação de morte, a ideação suicida, os comportamentos autolesivos e as tentativas de suicídio. Uma loucura, reconheço... Na verdade, ainda queria estudar mais coisas, e mais uma vez a Professora Lígia foi determinante na sua supervisão:

“Abílio, num doutoramento devemos pegar em um ou dois temas, o Abílio já tem vários e ainda pretende incluir outros? Não pode ser. Poderia, sim, delimitar mais o seu âmbito de trabalho, o tema de investigação”.

E tinha toda a razão.

O que eu me propunha a realizar já era demais, e ainda ambicionava estudar, p.e., as representações do corpo. Hoje percebo bem melhor as palavras que então me disse...

Dado o tema central ser o suicídio juvenil, a minha participação no NES, e o contacto com o Professor Daniel Sampaio, pedi-lhe também para participar na minha orientação – como coorientador – na minha nova demanda. Tive por isso, mais uma vez, uma orientação de luxo, com a Professora Lígia e o Professor Daniel Sampaio, cada qual mais ligado com alguma(s) das áreas abordadas – a Professora Lígia a supervisionar todo o trabalho, mas estando sobretudo mais centrada nas representações sociais, na morte e em todos os aspectos metodológicos do projecto, e o Professor Daniel Sampaio a dar mais apoio, em particular, nas questões da adolescência e do suicídio. Desde o momento em que o meu projecto foi aprovado, até à conclusão da tese, em 2003, o percurso de doutoramento constituiu uma experiência fantástica, muito trabalhosa (e a responsabilidade de ter um trabalho tão extenso foi minha), mas muito compensadora e produtiva.

Quando temos uma orientação conjunta ou partilhada, é essencial que os orientadores comuniquem bem entre si – o que era o caso –, que as tarefas estejam bem distribuídas, que consigamos conjugar e integrar as opiniões e indicações de quem sabe bem mais do que nós, e tirar o melhor partido das discussões, revisões e sugestões dadas. Neste processo, em incontáveis vezes, a Professora Lígia com as suas notas, chamadas de atenção, críticas (sempre) positivas, conselhos e ajuda em tomadas de decisão, teve um papel fulcral e insubstituível. Eu só posso estar-lhe grato. E dizer bem de todo o processo. Não poderia ter sido melhor orientado. Reflecti e aprendi muito. E cresci interiormente. Tive suporte e incentivos quando necessário, anotações pertinentes, alguns avisos em momentos decisivos, comentários oportunos, e indicações lúcidas para progredir de forma sustentada, autónoma e determinada.

Assim tornou-se mais fácil ‘fazer investigação’ (como se costuma dizer) e publicar. Nesse sentido, também a tese de doutoramento, finalizada em 2003 e apresentada em 2004, deu origem a participações em conferências e vários artigos (publicados durante ou após a defesa da tese), e a um novo livro de divulgação científica, intitulado ‘Ilusões na Idade das Emoções’, e editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o apoio da F.C.T., em 2008.

Há muito que considero
que numa relação entre
orientador(a) e orientando(a)
deve haver uma boa
identificação, confiança e
respeito mútuo.

Quem orienta precisa também de saber escutar, encontrar a forma adequada de transmitir os seus conhecimentos, estimular a vontade de investigar, dialogar sobre erros cometidos, opções e caminhos a tomar, lançar desafios, intervir nos momentos difíceis ou oportunos, criticar ou elogiar nos momentos certos, supervisionar a pessoa que está sob a sua orientação, contribuindo, ao mesmo tempo, para a sua autonomia. Idealmente, existirá proximidade e compreensão, entre ambos, não só em termos académico-científicos, mas, também, a nível pessoal.

Tudo isso eu
encontrei e tive com
a Professora Lígia.

Hoje em dia, tento colocar em prática os seus ensinamentos com os estudantes que tenho sob a minha orientação.

Nos últimos anos não temos falado tanto, pelo seu trabalho que a levou a desempenhar, sempre com grande brio, empenho e idoneidade, cargos públicos de relevo, fora do ISCTE-IUL, e por várias circunstâncias relacionadas com aquilo que a vida nos vai proporcionando. A verdade é que o tempo passa muito depressa, e nós vamo-nos envolvendo em tantas coisas que por vezes, quando paramos um pouco, é que damos conta que ele nos foge. Após o seu 'regresso' à Academia, voltámos a ter um contacto mais frequente.

Porém, em nenhum momento a esqueci, nem deixei de saber que, se necessário, eu poderia contar com a 'minha orientadora'.

Por tudo o que fez por mim, pelo que me proporcionou e ensinou, pelo seu contínuo exemplo a todos os níveis, pela sua integridade, sinceridade, bondade, paciência e grandeza humana, eu quero Agradecer-lhe, do fundo do coração! E dizer-lhe, sem hesitação e com forte convicção:

Bem-haja, Professora Lígia!

A Professora superou tudo o que eu poderia à partida esperar, sendo, para mim, a melhor orientadora do mundo!

Sempre pude contar consigo, e não só como orientadora, no sentido restrito do termo. Mesmo nos momentos difíceis soube ouvir-me e ter uma palavra amiga e compreensiva. E nos melhores momentos também encontrei um cintilar de alegria

nos seus olhos e, porque não dizê-lo, um certo fulgir de orgulho (positivo) na sua expressão. É para mim realmente uma grande honra podermos ter partilhado tantos momentos marcantes. Se de alguma forma, em alguma circunstância ou situação, achar que eu lhe posso ser útil, saiba p.f. que eu estou e estarei aqui.

Hoje e sempre, espero que continue a encontrar o melhor possível, em todos os sentidos, e que a vida lhe proporcione as mais promissoras experiências!

Com a mais elevada estima,
admiração e profunda
amizade, o 'seu aluno',

Abílio Oliveira